

NOTAS DE LEITURA

A ESTÁTUA-MENIR DA ERMIDA (Ponte da Barca-Portugal), António Martinho Baptista, Separata de O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS, Série IV, 3, 1985, pp. 7-44, Edição da C. M. de Ponte da Barca/Parque Nacional da Peneda-Gerês.

O autor, conhecido arqueólogo do Parque Nacional Peneda-Gerês, é um investigador da nova geração, com uma produção científica de mérito confirmado, nomeadamente no domínio da Arte Rupestre. Tendo trabalhado nos levantamentos do complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, juntamente com outros nomes destacados da nossa Arqueologia, A. Martinho Baptista, ao fixar-se no norte do País, procurou conhecer melhor a Arte Rupestre de ar livre de Noroeste português, procedendo a visitas e prospecções, algumas das quais haveriam de conduzi-lo a descobertas de grande interesse, como, por exemplo, a Rocha da Bouça do Colado e o complexo de gravuras do Vale da Casa. Nos seus trabalhos, aplicou as novas metodologias de levantamento, que não foram usadas apenas nas novas estações detectadas, mas também em algumas de particular significado, insuficientemente levantadas ou interpretadas no passado (caso do conjunto do Gião).

É no contexto deste trabalho de investigação que surge, agora, este estudo sobre a Estátua-Menir da Ermida.

Trata-se de um trabalho bastante cuidado, elaborado com assinalável meticulosidade científica, inserido em contextos que ultrapassam as nossas fronteiras geográficas, estabelecendo, assim, uma visão ampla quanto à difusão deste tipo de estátuas e seu significado.

O autor começa por fazer o historial da descoberta (Setembro de 1981) e condições da jazida da estátua antropomórfica, que foi encontrar no muro interior de uma corte de gado, no lugar da Ermida, concelho de Ponte da Barca.

Um ponto a salientar no seu trabalho é o capítulo que dedica ao conceito de «estátua-menir», altura em que cita os mais destacados especialistas, sintetizando as suas definições.

Depois de uma descrição exaustiva da morfologia da estátua, define-lhe os atributos e integra-a culturalmente no âmbito das estátuas-menires enropeias. Considera, a dado passo, que este monumento se apresenta como «um exemplar absolutamente único, o que apenas acentua a grande heterogeneidade do grupo ibérico», embora certos paralelos decorativos «não deixam de ser significativos, quer relativamente ao mundo das estátuas-menires europeias, quer à tradição local do grupo de arte rupestre galaico-português».

Após pormenorizar um conjunto de afinidades morfológicas e de estilo, afirma que a estátua-menir da Ermida «vem confirmar melhor as possíveis influências ou afinidades que particularmente as estelas provençais terão tido com algumas da Península Ibérica (...)».

Parece-nos particularmente importante a sugestão do autor em se «revalorizar e estudar melhor o tema dos idoliformes no grupo do Noroeste, cuja antropomorfização pode atingir formas altamente convencionais», até porque, após o estudo da Rocha da Bouça da Colado, um outro trabalho recente surgiu, com idoliformes, na mesma área geográfica, como é o caso da estação do Monte da Laje, em Valença.

Cronologicamente, A. Martinho Baptista situa a estátua entre finais do III milénio e meados do II a. C.

Por último, o autor tece largas e judiciosas considerações a propósito de um dos mais difíceis capítulos destes estudos, como é o do significado destas estátuas. E se são várias as hipóteses, fica, porém, certa a sua classificação como representação antropomórfica feminina, para o que contribuiu, decisivamente, o par de seios constituídos por círculos concêntricos, e que se ligam à «fase clássica» da arte rupestre de ar livre do Noroeste peninsular.

Estamos, pois, perante um estudo exaustivo de um belo e significativo exemplar de estátua-menir, proposta que nos parece perfeitamente justificada.

Quanto ao mais, A. M. Baptista revela grande segurança na sua argumentação, o que não espanta, dada a maneira como maneja uma bem seleccionada bibliografia especializada.

De relevar, ainda, a boa representação gráfica, muito importante neste tipo de estudos.

EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA

PORTUGAL DE PERTO

Uma colecção exemplar

É verdadeiramente exemplar esta colecção PORTUGAL DE PERTO, série de livros seleccionados por Joaquim Pais de Brito, docente do ISCTE, editada por Publicações Dom Quixote. De acordo com a designação, trata-se de uma biblioteca de estudos etnográficos e antropológicos referentes ao espaço português, abordando os mais diversos aspectos culturais. E os trabalhos de base destas obras têm também em comum o serem de acção directa junto das fontes, recolhendo as matérias para o conhecimento do país — tantas vezes longe de si próprio. Especialistas, estudantes e o chamado grande público encontram aqui muitos motivos de interesse. Eis, pois, uma boa gama de instrumentos para a descoberta do povo que ainda somos.

Vejamos, numa rápida ronda, o que está publicado em «Portugal de Perto». Pois o primeiro livro é já a clássica *História do Fado*, de Pinto de Carvalho (Tinop), decerto o estudo mais valioso sobre as origens e desenvolvimento do típico cantar do folclore urbano lisboeta. A este estudo haveria que acrescentar aqueloutro de António Osório, *A Mitologia Fadista*, que se circunscreve a uma perspectiva sociológica mais moderna, mas o prefácio que Pais de Brito escreveu para este volume é um óptimo enquadramento. E de Lisboa passamos aos estudos dos usos e costumes alentejanos, com *Através dos Campos*, de José da Silva Picão, um lavrador de Santa Eulália, Elvas. A obra começou por ser uma série de artigos no *Elvense*, subscritos com o pseudónimo de João Chaparro, e também a rubrica *Etnografia do Alto Alentejo* na revista *Portugalia*. Em 1903 saíu em fascículos o 1.º tomo da obra e em 1905 começaram a ser editados os fascículos do 2.º, que ficaria inacabado. Sobre *Através dos Campos*, Pais de Brito: «uma etnografia da complexa lavoura alentejana e um